



JOVENS

Uma casa para (re)começar a vida. Coimbra dá passo inédito no país para jovens ex-acolhidos

EXCLUSIVO

A casa chama-se “Ganhar Autonomia”. São sete apartamentos, disponibilizados pela câmara e geridos pela PAJE, que na última década é a porta que se abre a jovens que deixam as casas de acolhimento.

Paula Sofia Luz e Adriano Miranda

8 de Fevereiro de 2026, 9:43

Há anos que a PAJE (Plataforma de Apoio a Jovens ex-Acolhidos) reclamava uma casa onde pudesse permitir aos jovens que **deixam as instituições** um início de vida adulta menos atribulado do que a infância. Aconteceu agora, com a assinatura do contrato de comodato entre a Câmara de Coimbra e aquela instituição, permitindo em breve que um edifício com sete apartamentos de tipologia T0 sejam ocupados por rapazes e raparigas a quem a vida já tirou muito.

Esta é uma história que começou lá atrás, há dois executivos camarários, mas para os jovens que a partir de agora vão ter oportunidade de lá morar, pouco importam os termos e trâmites desse processo. Importa mais a possibilidade de se abrir uma porta que lhes permita ter uma casa, pelo menos para início de vida.

João Pedro Gaspar, fundador e presidente da direcção da PAJE, rebobina o filme da vida desta instituição para parar no momento em que avançou para contactos com a Câmara de Coimbra, no sentido de encontrar um espaço como o que agora vai abrir portas. “Para nós é um encontro das necessidades do que alguns jovens nos pediam. Até agora tínhamos dois quartos que eram exclusivamente acolhimentos de emergência, não eram acolhimentos temporários sequer, precisamente no espaço **onde a PAJE trabalha**, nas instalações do ISCAC”, vulgo Escola Superior Agrária. “Tínhamos lá aqueles dois cantinhos, com acesso à casa de banho e à cozinha, mas aqui falamos de uma coisa completamente diferente, em que os jovens podem ter uma privacidade maior, e até um treino de autonomia maior”, sublinha, ele que há anos é o rosto do apoio aos jovens ex-acolhidos por todo o país.

“Temos ainda uma esperança: é que este nosso pedido, agora formalizado e recebido pelo Município de Coimbra, possa encontrar eco noutros municípios do país, que queiram seguir esta boa prática e que também possam olhar para um dos três principais problemas dos ex-acolhidos, que é a habitação”.





João Pedro Gaspar na sede da PAJE em Coimbra

Esta semana, depois de aprovado, por unanimidade, em reunião do executivo, decorreu finalmente a assinatura do contrato de comodato que formaliza a cedência das sete habitações municipais, integradas na “Residência Ganhar Autonomia”. Já na reunião, quando explicava aos vereadores o que está em causa, a presidente Ana Abrunhosa enaltecia o que considera tratar-se de “uma medida pioneira e inovadora”. “A Câmara reabilitou um edifício histórico no centro da cidade, ao invés de o colocar no mercado imobiliário. Assim promove a mistura urbana e evita a *guetização*. E fazemos algo por estes jovens que perdem o apoio do estado ao tornarem-se adultos”, enfatiza Ana Abrunhosa.

Na verdade, o projecto começou ainda ao tempo do executivo liderado por Manuel Machado, atravessou o de José Manuel Silva, e só agora fica concluído em termos da obra. Por seu lado, a vereadora da Acção Social, Margarida Mendes Silva, enaltece este passo na política municipal de habitação social de Coimbra, lembrando que a “Residência Ganhar Autonomia” resulta da reabilitação de um edifício municipal e integra 17 fracções habitacionais, destinadas a diferentes respostas no âmbito dessa mesma política municipal de habitação. Além das sete que ficam afectas ao apoio a jovens (ex) acolhidos, as restantes destinam-se a responder a situações de carência habitacional, em regime de arrendamento apoiado.

Mas segue-se outra luta para a PAJE: é que o contrato de comodato tem apenas a duração de um ano, apesar de renovável.

João Pedro Gaspar insiste muito nessa tónica, já que é a própria associação que vai desunhar-se para arranjar todos os equipamentos para as casas, junto de empresas e parceiros da região. “O ideal seria entre cinco e dez anos, para conseguirmos gerir”, adverte. Os inquilinos tanto poderão ser jovens de Coimbra como de outros pontos do país, ressalva aquele responsável. Há muito que insiste na mesma tecla: “**os jovens ex-acolhidos** têm três pilares fundamentais para conseguirem fazer a sua vida: habitação, empregabilidade e dignidade”.

“A empregabilidade nós vamos conseguindo ultrapassar. Ajudamos a fazer currículos, no sentido de ir ao encontro daquilo que é o perfil, a exigência do perfil do trabalhador, o cumprimento de horários, tudo o que o mercado de trabalho exige. Mas esta parte da habitação, atendendo à realidade portuguesa, era para nós muito difícil de colmatar”, afirma João Pedro. “Se eu não tiver uma casa, não consigo organizar a minha vida, ir apresentável a uma entrevista de emprego, e com trabalho alcançar a minha dignidade”, acrescenta.

Até agora, os dois quartos de emergência da PAJE respondiam a situações diversas, como a de um jovem “que quando teve uma licença precária, na prisão, não tinha nenhum lar de retaguarda, e não poderia sair sem ter acesso a ela. Ou o caso de outro jovem que veio do Algarve para ter uma consulta em Coimbra, que era de manhã cedo, e por isso ele tinha de estar cá no dia anterior”. Mas o que a residência Ganhar Autonomia vai permitir é outra coisa.

O perfil para entrar na casa

Joana, chamemos-lhe assim, será uma das primeiras inquilinas da nova casa. Tem agora 21 anos, é estudante universitária, e ao mesmo tempo vai trabalhando para se manter. De resto, foi a mais recente patroa que lhe falou da PAJE, acabando por contribuir para lhe mudar a vida. Desde os 13 anos que conhece os meandros do acolhimento, a partir do distrito de Aveiro, tal como os dois irmãos mais novos. Actualmente Joana vive num quarto arrendado pelo qual paga mais de 200 euros, sendo que o orçamento disponível para o mês inteiro é de 330 euros, decorrente de uma prestação social. É por isso que vai agarrando trabalhos vários, sobretudo em limpezas, mas agora que está no último ano do curso de História, torna-se cada vez mais difícil conciliar tudo. Acresce que nos últimos anos enfrentou vários problemas de saúde mental, o que também não ajudou. Ao PÚBLICO conta que está agora numa fase melhor, “mais positiva” e a possibilidade de ter uma chave de uma casa enche-a de esperança. Quer ser professora, e ter “uma vida normal”.



Hugo Pascoal esteve institucionalizado até aos 21 anos. Trabalha numa empresa de Limpezas

João Pedro acredita que ela encaixa perfeitamente no perfil traçado pela PAJE para entregar os apartamentos: é responsável, empenhada em ter a sua vida autónoma. “Só o facto de ter uma chave na mão é uma grande mudança na vida de um jovem ex-acolhido. Porque os jovens em acolhimento não precisam ter chave, as casas estão abertas 24 horas. Agora não vai ter alguém que abra a porta. Cada um vai ter que ter a sua chave, e não se pode esquecer dela”.

A autonomia depois da saída

João Pedro Gaspar cruzou a sua vida com a dos jovens em situação de pós acolhimento há mais de 25 anos, no âmbito de um projecto de investigação que liderou na Universidade de Coimbra, enquanto convidado para trabalhar numa Casa de Acolhimento. “No primeiro dia achei que seria o último, porque eu não conseguia dar resposta a tantas solicitações. Eram muitas dezenas de meninos e meninas, longe do modelo que hoje temos de acolhimento”. Foi enquanto professor e tutor que os conheceu. Mais tarde fez doutoramento em Psicologia da Educação e pós doutoramento em Educação Social, fruto desse tal dia “que acabou por ser a minha epifania”, conta. Acabou por fundar a PAJE, única associação do género em Portugal. “Nas tribos da Amazónia, Pajé é aquele que indica caminhos e orienta. No fundo é isso que nós somos”. João Pedro Gaspar acentua sempre a última sílaba propositadamente para soletrar o nome da associação que criou em 2016, muitos anos depois de ter tomado contacto pela primeira vez com o universo dos Centros de Acolhimento e das crianças e jovens à deriva. Passados dez anos, já apoiou centenas de jovens em todo o país. Um deles haveria de se tornar conhecido de todos: o futebolista Éder, campeão europeu, hoje padrinho da PAJE e amigo de João Pedro.



“Nas tribos da Amazónia, Pajé é aquele que indica caminhos e orienta. No fundo é isso que nós somos”

João Pedro Gaspar

Longe do dia em que bateu de frente com uma realidade desconhecida, acabando por abraçá-la, o presidente da única instituição do género no país orgulha-se do caminho percorrido. “Gosto de sentir que não somos mais uma repartição, não queremos pertencer a esse módulo. Alguns jovens costumam dizer uma frase que nos faz pensar: ‘muitos doutores decidiram tudo na minha vida’. Por isso nós não queremos ser vistos como mais uns doutores, mais uma instituição. O que queremos é ser uma base de apoio para apoiar quem já saiu do acolhimento, mas ajudando a melhorar o perfil de saída. Por isso é que temos protocolos com dezenas de casas de acolhimento, temos várias intervenções não apenas com os jovens, também com os cuidadores, portanto no âmbito da formação, até da organização profissional”, explica.

Ao longo da última década a PAJE tem cimentado a ideia com que João Pedro ficou logo ao início nas casas de acolhimento: era aí que os problemas verdadeiramente surgiam. E foi por isso que decidiu fazer doutoramento na área, o primeiro sobre “desinstitucionalização”. “Como era um palavrão muito difícil de pronunciar na sala dos Capelos, resolvi substituí-lo por ‘autonomização’”, recorda. Na sua tese debruçou-se sobre um padrão comum, que era a falta de um apoio “cá fora”. “Só fazia sentido o que tinha estudado se o pusesse em prática. E então houve um grupo de pessoas fantásticas que me ajudou a criar a PAJE”. Dez anos depois, dá agora um novo passo nesse caminho.